



# O tempo da incerteza: elogio ao pudor – em defesa de um certo mistério necessário à simbolização

*Ruggero Levy\*, Porto Alegre*

*O autor discorre sobre os novos paradigmas da ciência no século XX, a nova tecnologia informática e seu impacto sobre a cultura contemporânea, criando, do ponto de vista sociológico, fatos geradores de insegurança e precariedade e, do ponto de vista mental, novos fenômenos no terreno da simbolização. Desenvolve a ideia de que em todas as culturas, em todos os tempos, há forças culturais promotoras do crescimento mental e outras da constrição do pensamento. Então, propõe-se a estudar quais seriam os fatores potencialmente prejudiciais aos processos simbólicos em nossa cultura, particularmente no que tange aos adolescentes e o papel da psicanálise em tudo isso.*

*Palavras-chave: Contemporaneidade, simbolização, prejuízos na simbolização, adolescência.*

---

\* Psiquiatra, psicanalista ditada e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



## Introdução

Esta reflexão sobre contemporaneidade e mudança psíquica não poderia ter sido proposta em melhor época. Estamos em 2008, quarenta anos depois da chamada Revolução Sexual de 1968. O que ocorreu nestes quarenta anos? Como está o mundo contemporâneo depois de tantas mudanças na cultura?

Uma reflexão sobre os tempos atuais deve utilizar diversos referenciais, psicanalíticos e não psicanalíticos, para chegar a uma compreensão do impacto desta realidade sobre o funcionamento mental do sujeito contemporâneo. Uma matéria do *Nouvel Observateur* (Lancelin, 2008) dedica-se a estudar o que seria a nova sexualidade dos franceses. É baseada numa vasta pesquisa realizada na França e que constatou o que hoje também observamos no Brasil: a generalização da contracepção, o direito ao prazer, a explosão do casal como estrutura estável, a emancipação feminina, o reconhecimento da homossexualidade e a banalização da pornografia. Estas são constatações fenomenológicas que precisamos entender do ponto de vista metapsicológico.

Precisamos agregar, para entender o fenômeno contemporâneo, o avanço científico e tecnológico numa velocidade sem precedentes na história da humanidade. Como veremos, a ciência, a partir da segunda metade do século XX, cria novos paradigmas que revolucionam o cenário do pensamento científico. A nova tecnologia informática, do ponto de vista sociológico (Bauman, 2000), cria fatos geradores de uma insegurança e um sentimento de precariedade totalmente novo, mas do ponto de vista mental também cria novos fenômenos no terreno da simbolização, conforme estudei no trabalho sobre as relações de objetos virtuais *Verdade, desejo e virtualidade* (2001). A estes me refiro na segunda parte do título, *Em defesa de um certo mistério necessário à simbolização*, inspirado em Meltzer (1988). Pois, na importante contribuição a respeito do conflito estético, ressalta a importância da inacessibilidade ao interior do objeto como um poderoso estímulo à imaginação, o enigma do interior necessitando ser construído pela imaginação criativa. Fica lançada a questão se, com o excesso de estímulo à sensorialidade pela cultura da imagem, à perda dos limites entre o público e o privado e a exposição excessiva à nudez, equacionada com a pornografia, haveria um comprometimento da imaginação criativa. Falar de contemporaneidade no Brasil é um desafio enorme porque existem diversos *brasis* e, portanto, múltiplas situações culturais em nosso país. Existem inúmeras microculturas que variam de acordo com a região, com a família, religião, etc.

Mas proponho que pensemos o tema da seguinte forma: em todas as épocas



O tempo da incerteza: elogio ao pudor – em defesa de um certo mistério necessário à simbolização

encontraremos forças culturais promotoras de processos simbólicos, ou seja, de crescimento mental, e outras que conduzem à estagnação do crescimento psíquico e, por vezes, ao empobrecimento simbólico, ou, até mesmo, ao comprometimento da função simbólica, constituindo forças *desmentalizadoras*.

## As rupturas paradigmáticas: o pensamento em expansão

Como bem nos explicou o nosso amigo físico – prêmio Nobel que muito nos orgulha – Mário Baibich (comunicação pessoal), o princípio da indeterminação de Heisenberg estabelece que, no nível subatômico, é impossível determinar a posição das partículas e também se estas consistem em massa *ou* energia. Na verdade, elas, simultaneamente, são massa *e* energia e ocupam um espaço indeterminado. Além do mais, o novo paradigma inclui o observador como alguém inevitavelmente interferindo no fenômeno observado. É o fim do empirismo ingênuo que muito influenciou a psicanálise quando se acreditava no psicanalista como um espelho frio, apenas a refletir a imagem do paciente.

Este novo paradigma da física reflete a complexidade com que os fenômenos passaram a ser entendidos e podemos imaginar o que isso significou em termos de ampliação do espaço mental. Prigogine (1996), prêmio Nobel de química, fala sobre as mudanças ocorridas na ciência contemporânea. Diz ele que o conceito de caos modificou nossa formulação das leis da natureza. A ciência newtoniana, determinista – que muito influenciou o pensamento freudiano – acreditava que, por suas leis, uma vez conhecida a posição inicial, poder-se-ia prever qualquer posição passada ou futura da trajetória. Comenta que houve uma postura quase *legalista*, como se a natureza devesse submeter-se a leis imutáveis criadas pelo homem. Como se fosse possível reduzir a natureza a um conjunto de leis. Foi uma tentativa de colocar o ponto de vista humano numa perspectiva divina. Isto começa a mudar quando Einstein (citado por Prigogine, 1996) escreve: “A direção e o tempo dos processos elementares estão determinados pelo acaso”. Prigogine diz que estamos num novo momento da ciência, temos que revisar nossas leis da natureza, há que incluir a probabilidade, diminuem as certezas.

É bom verificar o quanto a psicanálise, especialmente com Bion e Winnicott – autores que me são mais familiares – está em consonância com a postura científica mais atual. De modo particular, Bion (1962), criando a noção de oscilação Ps ↔ Pd, coloca, primeiro, que o crescimento mental ocorre pela alternância da ordem (Pd) e do caos (Ps), segundo, que a integração ocorre a partir de um fenômeno quase casual, o fato selecionado, e, terceiro, que não há uma direção única no



crescimento, ele ocorre com permanente e constante oscilação e que o caos faz parte da mente, de todas as mentes, dos pacientes e dos analistas, criando uma instabilidade permanente, movimento oscilatório essencial ao crescimento mental, ou seja, à mudança psíquica. Contrariamente, algumas posturas analíticas já superadas postulavam que o analista seria uma espécie de fiel depositário da ordem e da maturidade inabalável.

Morin (1996), Presidente da Associação para o Pensamento Complexo, de Paris, comenta que, quando se diz que um pensamento é complexo, significa dizer que a dificuldade estará sempre presente. Gostaríamos de evitar a complexidade e ter um pensamento simples. Existe complexidade quando há um emaranhamento de ações, interações e retroações. E não é isso justamente o que ocorre no campo analítico de acordo com as teorias psicanalíticas contemporâneas? Diz Morin que há outra complexidade que provém dos fenômenos aleatórios, que agregam incerteza ao pensamento. Ainda segundo Morin (1996), o universo é fruto de uma dialógica de ordem e desordem (ou seja, duas lógicas totalmente heterogêneas e que se rechaçam). E é essa dialógica de ordem e desordem que produz as organizações do universo. Similar ao que Bion (1962) estabelece que o crescimento mental, a mudança psíquica ocorre a partir da oscilação OS ↔ PD e da relação continente-contido.

Assim, desde a segunda metade do século XX e no XXI, o crescimento passa a ser visto como possível desde que se tolere uma certa instabilidade, desde que o sujeito não se aferre ao terreno já conhecido. Então, por este prisma, a oscilação, a indeterminação, a *incerteza* promove, é necessária ao crescimento mental. Isso influenciou sobremaneira a técnica psicanalítica contemporânea. Entretanto, apenas à guisa de aproximação, podemos dizer que vivemos o fim das certezas. Hoje o psicanalista – e o psicoterapeuta de orientação psicanalítica também – trabalha com as múltiplas transformações que a narrativa do paciente pode sofrer, e sabemos que cada dupla terá o entendimento possível a partir dos vários vértices em que transcorrer a sessão analítica (Ferro, 1998). Por outro lado, sabemos que o ser humano também precisa de algumas certezas, certa estabilidade para pensar, desenvolver o pensamento e, especialmente, o sentimento de confiança básica.

### **Cultura da incerteza ou do simulacro: o pensamento em constrição**

Diversos autores têm destacado um novo mal-estar presente na cultura atual (Bauman, 1997, 2000; Cahn, 1999; Eizirik, 2004; Kristeva, 2005; Menezes, 2004; Moreno, 2004). Um sentimento prevalente, apontado por vários autores, tem sido



O tempo da incerteza: elogio ao pudor – em defesa de um certo mistério necessário à simbolização

o de *precariedade*. Bauman (2000, p. 184) afirma que “a precariedade hoje está por tudo”. Precariedade, vulnerabilidade e instabilidade resumem a contemporaneidade, em contraste com a estabilidade, previsibilidade e consistência como meta possível da modernidade. Os teóricos franceses falam de *precarité*, os italianos de *incertezza*, os ingleses de *insecurity*. Todos estes conceitos tentam apreender o fenômeno da falta de garantias e da instabilidade da vida contemporânea.

Quero adiantar que – mesmo que se analisem algumas características da cultura contemporânea – não devemos idealizar a modernidade, pois com sua estabilidade e busca de estruturas rígidas também criou mal-estares como Freud magistralmente estudou em 1930. O repúdio ao sexual do século XIX, início do século XX, gerou as grandes neuroses estudadas por Freud, com tudo que representam em termos de obstáculo ao crescimento mental. Sigo com a proposta enunciada na introdução: modernidade e pós-modernidade contêm forças que favorecem o crescimento mental e outras que o desfavorecem. Tornando ainda mais complexa a nossa análise, elas – as duas formas culturais – coexistem cada uma favorecendo estados mentais diferentes. A título de exemplificação, a própria noção de rede tão promulgada pela internet, de um lado, abole a noção de limite, de estrutura, tão necessários ao desenvolvimento, mas, de outro, conduz à noção de infinito, de expansão e ampliação permanente, a exemplo da tendência da própria mente.

Mas retornemos ao nosso contexto cultural e à precariedade de que falávamos. O avanço da tecnologia sem precedentes na história da humanidade criou um enorme paradoxo: facilidades e precisão inimagináveis anos atrás em contraste com a dispensabilidade do trabalho humano, desemprego estrutural e a insegurança inevitável deste quadro. *Até quando serei necessário? Quando será criado um novo equipamento ou uma nova reengenharia que me dispense?* Além do mais, o assim chamado processo de globalização provocou um fenômeno curioso, pois, na grande maioria das vezes, o que é global é o capital que se move facilmente de um lado a outro do planeta, enquanto que o sujeito é local – a não ser alguns poucos executivos. O sujeito fica desarmado, exposto à fluidez do capital, “aos inescrutáveis caprichos dos investidores e acionistas, ou ainda mais desconcertante, às forças do mercado. O que quer que ganhem hoje pode lhes ser tirado amanhã” (Bauman, 2000, p. 191).

A insegurança no longo prazo faz a satisfação instantânea parecer um bom negócio, mas esta última, na verdade, é a grande armadilha. Tudo na vida tem que ser no *aqui e agora*. O adiamento da satisfação perdeu o seu fascínio. A intolerância à frustração impera. Ora, sabemos o quanto o adiamento da satisfação é importante



para o desenvolvimento dos processos simbólicos e, conseqüentemente, da aprendizagem. É no espaço entre o desejo e a sua realização que se cria o pensamento. Ou, segundo Bion (1962), é entre a expectativa e a não realização, ou seja, é diante da frustração que se cria o pensamento. Esta entronização da gratificação imediata, do presente, em que a historização e o adiamento do futuro cedem seu espaço, certamente afeta o desenvolvimento da imaginação criativa.

O caráter fugaz das modas e dos objetos de consumo cria uma visão do mundo como um “contêiner cheio de objetos descartáveis, para uma só utilização – o mundo inteiro, inclusive os seres humanos” (Bauman, 2000, p. 186). Laços humanos e peças de automóveis são tomados como similares: não há conserto, são substituíveis quando perdem a utilidade. O *até que a morte nos separe* é transformado em *enquanto dure a satisfação*. O laço humano torna-se, como qualquer objeto de consumo, algo de que se espera uma satisfação imediata, instantânea e que se rejeita se não for atendida, criando-se uma transitoriedade e instabilidade nos vínculos, gerando um novo mal-estar na cultura diverso do de Freud, advindo da repressão sexual (Bauman, 1997).

À fluidez das relações soma-se a substituição dos vínculos humanos pelos virtuais, em que sujeitos, adolescentes ou não, isolados, solitários, refugiam-se em relações virtuais. Não se trata de ser contra as realidades e os objetos virtuais, eles vieram para ficar e são ferramentas que podem ser extremamente úteis ao desenvolvimento da humanidade, desde que se restrinjam aos setores úteis às necessidades humanas.

Mais do que sermos contra ou a favor das realidades virtuais, devemos entendê-las, compreender em que registro psíquico se inserem. Se considerarmos, como Meltzer (1984), que é nas relações íntimas, carregadas de paixão, que se criam as experiências emocionais e se acreditamos que são estas que estimulam a mente à simbolização e à sua ampliação, ao crescimento, então devemos admitir que a imersão do sujeito em um mundo maquinal o introduz num universo em que predominam os signos, enquanto linguagem mecânica a ser dominada.

Meltzer (1988) e Kubrick (1968), em *2001 Uma odisseia no espaço*, nos ensinam que um poderoso estímulo à imaginação especulativa é o impacto da beleza e do mistério do objeto, com um interior desconhecido e inacessível, que nos leva a conjecturar a respeito dele. Nas relações de objeto virtuais, é permitido devassar o interior do objeto, o que na vida real não é possível, a não ser através de fantasias intrusivas onipotentes. As realidades virtuais, ao invés de conduzirem ao respeito e consideração pela privacidade do objeto, têm-se orientado no sentido oposto: o de que a privacidade pode ser completamente devassada. Os *reality shows* são a concretização destas fantasias intrusivas e não só não estimulam a



imaginação como a empobrecem e banalizam o que há de mais íntimo, privado – e, por que não, sagrado? – que é a cena de um casal unido em coito criativo (Meltzer, 1973). O sítio em que a vida é criada. Essas fantasias criam a ilusão que é possível conhecer o objeto sem ser através das suas sombras; que não é preciso imaginar seu interior, que podemos penetrá-lo.

A criatividade seria a vida no espaço intermediário descrito por Winnicott (1951), ou seja, através da imaginação e da fantasia, criar um mundo onírico, os devaneios, em que está presente o sujeito com seus desejos, estes dando formas à imaginação. O objeto transicional é, na sua essência, analógico: ele é e não é, ao mesmo tempo, o objeto real. É tão importante, na natureza do objeto transicional, o fato de ser, como o fato de não ser, simultaneamente, o objeto real. O fato de ser, ou parecer o objeto é importante no sentido de auxiliar a criança a tolerar a ausência do objeto. E o fato de não ser é importante porque representa o objeto. É o início da simbolização, no pensar de Winnicott (1951). Já o objeto virtual pretende ser o objeto real, ele não representa o objeto, ele é o seu simulacro. Apresenta-se como real e satura de tal forma a percepção e a atenção que não deixa espaço para a simbolização e a imaginação. Ao invés de abrir o espaço para a ilusão, ele ilude o sujeito quanto à sua realidade. Ele simplesmente é; sem ambiguidades; sem a sombra de incerteza de não ser; ele é. O objeto transicional (Winnicott, 1951) é criado justamente na brecha que se anuncia entre o mundo interno e o externo, entre o eu e o outro. E a criança sabe que seu objeto transicional é e não é, ao mesmo tempo, o objeto de seu desejo. Para iludir-se, é preciso que ela, em alguma medida, não totalmente, se desgarre do real.

Para imaginar, é preciso libertar-se do real. É por isso que pensamos, como Baudrillard (1999), que o mundo virtual em excesso na vida cotidiana do sujeito é anti-imaginativo, pois satura de tal forma as percepções que aprisiona a atenção. Ao contrário do espaço potencial, a realidade virtual propõe-se a ser encarada como real. As relações virtuais privam o sujeito do olhar do outro de onde se origina o sentimento de existir, de ser real, de ser verdadeiro, sendo possível que provoquem – quando excessivamente presentes – sentimentos de irrealidade e de vazio existencial.

Esta atividade anti-imaginativa citada por Baudrillard (1999) ocorre também no terreno da sexualidade na época da internet, me parece. O jovem não precisa mais imaginar o objeto do desejo para masturbar-se. A um clique, simulacros hiper-reais estão no seu quarto. Objetos porno-eróticos em quantidade à disposição. Ou colegas expondo-se em webcams. É abolido o limite entre o erótico e o pornográfico; entre o público e o privado. E, finalmente, a imaginação sucumbe.

Nesse sentido estou de acordo com Menezes (2004) quando afirma que



numa época “sem nenhuma repressão sexual, com uma oferta irrestrita de sexo, vemos que o sexual sucumbe” (p. 85). Ou seja, o psicosssexual originário do inconsciente, fruto de transmutações do desejo, sucumbe a um sexual imposto pela cultura do consumo, veiculado pelas *celebridades* dos *reality shows*. Seria um simulacro de sexualidade. Kristeva (1993) dirá que o homem contemporâneo não dispõe nem do tempo nem do espaço para constituir a alma e o mental, e o sexual que não passar pela elaboração simbólica transforma-se em prazer sem satisfação. Pura descarga condenada à compulsão aditiva pela impossibilidade de satisfação do desejo no terreno do mental.

É claro que sabemos que as realidades virtuais e os objetos virtuais, além de simulacros do real, são modelos de aproximação ao mesmo. Um arquiteto, por exemplo, que faz uma maquete virtual da casa que irá construir, cria um modelo visual, tridimensional, que lhe permite aproximar-se mais da realidade que há de vir. É claro, parece-me, que aqui há uma atividade imaginativa, a criação de um modelo que permite pensar novos pensamentos. Mas esta é uma situação diferente de outras em que o sujeito recebe prontas as imagens virtuais e que, através apenas do seguimento de códigos preestabelecidos, tem que simplesmente *operar* com estas imagens ao nível da ação. Nesta última situação estamos no circuito percepção/ação/percepção em que, para obter melhor performance, deve-se, inclusive, não pensar.

Acabei de enunciar diversos aspectos da cultura atual que comprometem a atividade simbólica e, portanto, o desenvolvimento da imaginação criativa. Entretanto, não devemos perder de vista que, se esta cultura da imagem prevalece em inúmeros domínios da vida contemporânea constringindo o pensar, por outro lado as forças em favor do simbólico que estimulam o pensamento criativo através da ciência, da literatura, música, cinema, procuram manter seus espaços.

### **Comentários finais ou em defesa do mistério**

Evidentemente que, na medida em que vivemos em diversas microculturas, todo o espectro de pacientes poderá visitar nosso consultório, desde os quadros neuróticos habituais, até aqueles em que a patologia se expressa na conduta e no corpo por insuficiências dos processos de simbolização. Esta insuficiência nos processos simbólicos tem tido várias consequências. Ahumada (2003) destaca que este comprometimento da capacidade de representar faz com que conteúdos psíquicos primitivos não elaborados aflorem mais e mais à superfície. O *acting out*, a violência, as condutas autodestrutivas, o sexual invadido pelo destrutivo estão muito presentes. Este prejuízo nos processos simbólicos conduz





seguidamente a um processo de subjetivação inacabado. O quê, por sua vez, empurra em direção às patologias narcisistas que atingem a conduta e o corpo (delinquência, anorexias, bulimias, drogas, etc.). As defesas narcísicas procuram solucionar a insuficiência de elaboração psíquica (Cahn, 1999).

Isso traz implicações diretas à técnica psicanalítica e às psicoterapias de orientação psicanalítica. A mente do terapeuta passa a ter uma importância quase decisiva, pois muitas vezes será preciso um trabalho enorme de *rêverie* para criar mentalizações a partir de sensações e emoções brutas trazidas pelos pacientes. O desenvolvimento do espaço mental nestes casos torna-se a prioridade. Finkielkraut (1988) define bem que vivemos na cultura das sensações e do *feeling* em contraposição à palavra. Ora, nossa meta é transformar sensações em símbolos, pensamentos e depois em palavras, uma vez que sensações são apenas para serem sentidas, vividas ou atuadas.

A mudança psíquica só é possível através da transformação simbólica e nesse sentido temos que compreender todo este entorno em que estamos inseridos, os desafios que nos são colocados, desde o vazio representacional até o que eu chamaria de pensamentos/próteses. Pseudopensamentos tomados da cultura que são usados como próteses para preencher vazios simbólicos. Estudei este tema em trabalho recente (Levy, 2012), *Dando pensabilidade ao impensável: criando andaimas ao pensar em adolescentes com transtornos severos*. Sugeri, neste trabalho que, quando ainda a mente não possui função  $\alpha$  suficiente para simbolizar uma determinada emoção, ou quando ainda não se constituiu um continente capaz de conter determinados pensamentos (carregados de emoções impensáveis), ou ainda, um pensador capaz de pensar determinados pensamentos, o sujeito pode agarrar-se aditivamente a pensamentos/próteses, que são imagens oferecidas pela cultura, pois elas figuram tragédias, no momento, impensáveis. Acredito que muitas adições a videogames violentos tenham esta base.

Um paciente adolescente tardio, com um narcisismo destrutivo importante com que atacava várias funções mentais integrativas, bastante isolado em fortes sentimentos de irrealidade, de despersonalização, passava horas, às vezes dias, plugado na internet jogando XXX. Esse jogo estava a serviço do seu isolamento narcísico e do reforço do sentimento de onipotência, pois ali ele era o líder do grupo que atacava e vencida todas as outras gangues medievais. Queixava-se de não conseguir sentir *a gravidade das coisas* em sua vida. Com isso queria expressar sua dificuldade em, de fato, sentir a emoção de suas experiências vividas através de sua significação e representação. Para ilustrar sua vivência, me conta que, um dia, estava numa cidade do interior, vizinha à sua, com amigos, quando foram provocados a brigar. Eram quatro contra dezoito. Já que ia lutar, tirou a camisa,



alongou-se e foi [...]. Sorrindo, conta que levou três socos, caiu e, diz ele: *virei bola de futebol, depois apartaram, me levantei e fomos embora*. A cena que vinha à minha mente era a de um jogo de vídeo game, mas eu estava aterrorizado pelo grau de violência a que se expunha. A vida havia sido digitalizada naquele momento. Eram todos personagens virtuais que atuavam um ato sem significado simbólico. Virtual e real se confundiam prestando-se à evacuação na ação de pulsões não elaboradas no mental. O tratamento psicanalítico deverá oferecer-lhe tempo, espaço e mistério suficientes para a simbolização de seu terror, vivido por mim na contratransferência, e sua inserção na trama simbólica para posterior elaboração.

Penso como o Prof. Donaldo Schüller quando diz que a psicanálise é o relicário da palavra. Esta é a revolução que a psicanálise precisa fazer no alvorecer do século XXI, lutar para que prevaleça o renascimento do interesse por pensar e significar no calor de relações humanas pautadas pela paixão (Meltzer, 1984). Então, se Freud desafiou e enfrentou a cultura da repressão com seu repúdio ao sexual, na cultura de hoje devemos desafiar e enfrentar o rechaço ao simbólico. Esse é o grande desafio da psicanálise, hoje. Penso que toda área de atividade preocupada com o psiquismo humano tem esta responsabilidade de ser o relicário do simbólico. E, para isso, o mistério do interior do objeto, a não intrusividade, o respeito aos limites são essenciais. Felizmente não estamos sós nesta tarefa. Há inúmeras outras áreas da cultura e da ciência que promovem um incremento na capacidade de abstração, no desenvolvimento da mente humana. Dou como exemplo, para encerrar, um pensamento do filósofo francês Finkielkraut (citado por Lancelin, 2008). Diz ele que o pudor não é apenas um moralismo arcaico, mas um atributo ontológico da mulher. A sexualidade feminina implica na existência de algo oculto, a ser desvelado, ou construído pela imaginação, algum mistério. O despudor excessivo, o excesso de luz e exposição apagam a luz da imaginação. Por isso, sem moralismo, faço um elogio ao pudor e à defesa de certo mistério. □

## Abstract

### **The time of uncertainty: praise to decency – advocating a certain mystery necessary to symbolization**

The author addresses the new paradigms of science in the XX century, new information technology and its impact over contemporary culture, creating from the sociology stand point, factors which generate insecurity and precariousness and, from the mental stand point, new phenomena in the realm of symbolization.



O tempo da incerteza: elogio ao pudor – em defesa de um certo mistério necessário à simbolização

He elaborates on the idea that, in every culture, in all times, there are cultural forces which foster mental growth, and others which hinder thought. He therefore intends to study what would be the factors potentially harmful to symbolic processes in our culture, especially in regard to adolescents, and the role of psychoanalysis in all that.

Keywords: contemporaneity, symbolization, hindrances in symbolization, adolescence.

## Resumen

### **El tiempo de la inseguridad: elogio al pudor – en defensa de cierto misterio necesario a la simbolización**

El autor discurre sobre los nuevos paradigmas de la ciencia en el siglo XX, la nueva tecnología informática y su impacto sobre la cultura contemporánea, creando, desde la mirada sociológica, hechos generadores de inseguridad y precariedad y, desde la mirada mental, nuevos fenómenos en el terreno de la simbolización. Desarrolla la idea que en todas las culturas, en todos los tiempos, hay fuerzas culturales promotoras del crecimiento mental y otras de la constricción del pensamiento. Entonces, se propone a estudiar cuáles serían los factores potencialmente perjudiciales a los procesos simbólicos en nuestra cultura, particularmente en lo que se refiere a los adolescentes y el rol del psicoanálisis en todo eso.

Palabras clave: contemporaneidad, simbolización, perjuicios en la simbolización, adolescencia.

## Referências

Ahumada, J. (2003). O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 10(3), pp. 495-507.

Baudrillard, J. (1999). *Tela Total: mito ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina.

Bauman, Z. (1997). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bion, W. (1962). *Aprendiendo de la Experiencia*. México: Editorial Paidós, 1991.

Cahn, R. (1999). *O adolescente na psicanálise: a aventura da subjetivação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.



Ruggero Levy

---

- Eizirik, C. (2004). Sexualidade e pós-modernidade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 11(1), pp. 87-96.
- Ferro, A. (1998). *Na sala de análise: emoções, relatos e transformações*. Rio de Janeiro: Imago.
- Finkelkraut, A. (1988). *A Derrota do Pensamento*. São Paulo: Paz e Terra.
- Kristeva, J. (1993). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- \_\_\_\_\_. (2005). Sublimação e cultura: o impudor de enunciar e a língua materna. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 12 (1), pp. 85-99.
- Kubrick, S. (1968). *2001: A Space Odyssey*. EUA, Reino Unido: Metro-Goldwyn-Mayer.
- Lancelin, A. (2008). Éloge de la pudeur. In *Le nouvel observateur*. Paris: Le nouvel Observateur du Monde.
- Levy, R. (2012). Dando *pensabilidade* ao impensável: criando *andaimas* ao pensar em adolescentes severamente perturbados. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46 (3), 78-89.
- Meltzer, D. (1973). *Os estados sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1984) La ampliación de la metapsicopsicología de Freud realizada por Klein y Bion. In *Vida Onírica*. Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.
- \_\_\_\_\_. (1988). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- Menezes, L. C. (2004). Sexualidade e pós-modernidade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 11 (1), 79-86.
- Moreno, J. (2004). Sexualidade e pós-modernidade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 11 (1), 69-78.
- Morin, E. (1996). Epistemologia da complexidade. In D. Schnitman (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artmed.
- Prigogine, I. (1996). O fim da ciência? In D. Schnitman (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

Recebido em 01/04/2013

Aceito em 10/04/2013

Revisão técnica de **Magali Fischer**

**Ruggero Levy**

Rua Carvalho Monteiro, 234/501  
90470-100 – Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: ruggerolevy@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA